

Porto, 31 Maio 1990 (5º feira)

Padrinho:

Espero que depois desta interrupção possamos re-umear a nossa troca de correspondência regular. Mais uma vez reconheço a minha culpa neste já um pouco longo intervalo.

Como sabe, estou a fazer 4 cadeiras e me faltam para ter o 1º ano completo. Os testes de Abril foram bastante satisfatórios; tive dois 14 e um 15 (numa escala 0 a 20). A outra cadeira guardei para Exame final. Queira Deus que continue com esta "pedalada" até ao fim do ano.

Agradeço-lhe o livro que me ofereceu; apesar de eu considerar o Surrealismo um estilo artístico algo fora dumha interpretação universal, sempre bom conhecer algo desta corrente que foi importante por na história cultural deste século, graças à reacção que representou a correntes "geometrizantes" (Cubismo) e "descrições" da Pintura.

Falando de mim: como já lhe contei que fiz um bom grupo de amigos, interessados nas coisas do Espírito (na sua mais lata expressão). Estamos mesmo a organizar uma revista, de aparência e taragem modestas, mas que esperamos que "mesca" no novo meio literário, tão petrificado e "clássico" ainda e onde conta é o "salve-se quem puder".

Porém, pessoalmente, carrego uma grande frustração que é a de não ter encontrado ainda "aquela" pessoa que me proporcionasse aquela vivência a que se convencionou chamar "amor" e que sempre foi exaltada pelos poetas de todos os tempos e latitudes. Espero que este retardar não seja um mesmo de nenhuma obscura "maldição" lançada sobre mim na altura do meu nascimento e que possa o mais brevemente possível

ser realizado este meu desejo. Acredito q uma
relaçã amorosa vivida de forma sã (ou seja:
respeitando o outro e conciliando a nova autonomia
sentimental, mas ao mesmo tempo empurrando-nos
Totalmente) é das coisas mais belas q um ser humano
pode experimentar enquanto andar cá por este Mundo

Hoje a cabo por aqui. Ficarei à espera da
tua resposta, seja para comentar esta minha opini-
ão, seja para falarmos doutro qualquer assunto.
O teu apilhado, sempre amigo e reconhecido,

João Fernando.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

JOÃO FERNANDO DUQUE
RUA GOMES LEAL, 77, 2º
4300 PORTO

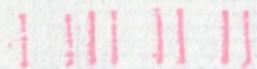


01.117



PARA
UNIVERSIDADE
ARTHUR CRUZEIRO SEIXAS
DE EVORA
RUA DA ROSA, 152, 3º DTO

1200 LISBOA



Respondi em 26-6-90
enviando cheque de 5.000,00



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

... a regime de especialidade normal de
vagas out de nos dias...

Porto, 17 de Novembro de 1996

meu afilhado

UNIVERSIDADE DE ÉVORA	
Arquivo FCS	01.117.01

Padrinho:

Antes de tudo, convém desfazer um equívoco: embora com um certo atraso, eu agradeço a prenda que me enviou pelo aniversário. Espero é que essa carta não se tenha extraviado. Sempre assim procedi - e não podia ser de outro modo, pois sempre tive por si a máxima consideração e respeito.

Tenho é que me desculpar de desde então não lhe ter shado mais notícias (minhas e da minha mãe). Mas o facto é que a minha vida continua muito complicada.

A minha mãe está internada desde o dia 6 de Agosto no hospital do S. Leizoro (Santa Casa da Misericórdia) e tem vindo a fazer grandes progressos, quer no aspecto da fala, quer no aspecto físico: já consegue andar sozinha - só lhe falta acentuar um dos "buzacos" que tem nas costas (como sabe, devido a parte das costas ter apodrecido quando estava de cama, os médicos queriam que lhe amputar fendo). Esperamos que dentro de 3 semanas nos volte para casa. Porém, não vale a pena ter ilusões: vai ser demorada a sua recuperação na vida normal (e a verdade é que já antes de lhe aparecer estes problemas - o da pedra e o das costas - ela já não fazia em casa). Por isso, eu encaro o futuro dela com muito optimismo.

Quanto a mim, continuo a procurar Emprego - não tive colocação nos mini-concursos deste ano. Vou dando umas (poucas) "explorações" que mal dão para os cafés. A situação está para o meu lado bastante complicada e o meu pai, apesar de ter ido falar com alguns amigos dele reportadamente influentes, não conseguiu arranjar nada para mim. Ando muito apreensivo ultimamente e estou a considerar mesmo hipóteses radicais de resolver a minha situação: por exemplo, propor-me como "cooperante" para um dos PAIOP (Angola, de preferência), pois isto cá está-me a tornar impenial (falta de dinheiro, doença da mãe, conflito com o pai, etc.)

Junto envio-lhe fotocópias dum artigo que escrevi para a eu-

Vista "O Temporal" sobre o meu antigo colégio.

Espero em breve ter notícias suas.

O seu afilhado, sempre amigo e recordado,

João Fernando



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Porto, 29 de Abril de 1999

Padrinho:

Agradeço-lhe antes demais a carta que me enviou, bem como a “lembrança”. Para mim é importantíssimo ter uma pessoa como o Sr. - com a sua inteligência e experiência vital - com quem possa desabafar e dizer o que me vai na alma. É que uma coisa são as pessoas com quem nós convivemos diariamente (mais pela força das circunstâncias do que por nossa escolha, na maioria dos casos...) e outra coisa totalmente diferente as pessoas com quem nós sentimos afinidades e com quem podemos ter uma conversa que ultrapasse as banalidades do quotidiano. Conforme já lhe contei em cartas anteriores, o período em que estive na Faculdade foi-me particularmente gratificante nesse aspecto, pois tive colegas de grande interesse humano com quem passei tempos inesquecíveis. Aliás penso que essa passagem pelo meio universitário valeu mais por isso que pelo resto (professores, aulas, etc.). Mas com o tempo vieram os inevitáveis rompimentos - com alguns por motivos políticos, com outros pela separação geográfica. Assim, hoje em dia tenho apenas três ou quatro amigos verdadeiros - os restantes mais não sendo que os chamados “amigos de café”. Isto para mim é um pouco triste, mas penso que é o preço a pagar quando não somos (ou não queremos ser) da “manada”. Por isso é que as suas cartas me são tão preciosas.

O que me diz na sua última carta introduz-nos numa problemática curiosa - e “escaldante” (como dizem os jornalistas): o das relações dos intelectuais com as Ideologias, no agora acabado século XX. Como se sabe, os intelectuais (artistas, escritores, filósofos...) participaram activamente, quase todos, nas lutas terríveis deste século - e temos desde apoiantes do(s) Fascismo(s) como o caso que citou do Marinetti (ao qual podíamos acrescentar Ezra Pound, Heidegger, Céline, Dali, Gottfried Benn, Leni Riefenstahl e outros) até aqueles que apoiaram o Comunismo - russo, chinês ou outro (e aqui a lista é mais extensa: Picasso, Brecht, Sartre, Malraux, Eisenstein, Neruda, grande número de surrealistas franceses, como o Aragon e o Eluard).

De tudo isto eu concluo que mesmo os grandes não estão imunes ao erro - embora se desculpe com muita rapidez os que se iludiram com o Estaline ou com o Mao Tse Tung e se criminalize quase sem perdão os que se iludiram com o Mussolini e com o Hitler. Entre nós também houveram ilusões, embora a maioria dos nossos intelectuais se tenha virado mais para o Comunismo. As causas foram várias, e entre elas incluo o provincianismo do Salazar (que repeliu os intelectuais, apesar dos esforços “modernistas” do António Ferro em atrair a colaboração periódica dum ou outro grande nome, como o Almada), bem como à tendência quase natural de serem anti-Poder (e como cá este era da Direita, estava visto que se iriam voltar para a Esquerda...) - para não referir a mítica imagem que o Partido Comunista, principal força da Oposição, dava da União Soviética (o “Sol da Terra”, a “Pátria dos trabalhadores”). Hoje em dia há um enorme descrédito das ideologias extremistas e uma grande valorização da Democracia Liberal como único regime compatível com a dignidade humana. Por mim reconheço que de facto não há actualmente alternativa global a esta, o que não significa qualquer conformismo ou qualquer renúncia a lutar por um Mundo melhor.

Porem penso que a grande Revolução vem de dentro e não de fora. A liberdade não é algo que nos possam outorgar, mas que temos que descobrir no fundo de nós mesmos. E mal de nós se esperamos pelos outros para a descobirmos!

Quanto ao caso que me conta do Cesariny ,não conheço todos os detalhes para poder emitir uma opinião.A tal “salvação pela abjecção” consiste afinal em quê?

Espero em breve noticias suas . O afilhado amigo e reconhecido,

João Formoso



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Porto, 9 de Julho de 2004:

Artur:

Cá estou a escrever-te a minha primeira carta desde que comecei esta nova etapa na minha vida: bibliotecário em Marco de Canaveses. Começarei por falar-te desta simpática terra, conhecida sobretudo por ser o berço natal da Carmem Miranda e do Engenheiro Belmiro de Azevedo, o patrão da SONAE e agora (desde que morreu o Champalimaud) o homem mais rico de Portugal.

Marco de Canaveses é uma pequena cidade (agora já quase não há vilas...) de cerca de 10.000 habitantes que fica a 50 km do Porto (de comboio é 1 hora de viagem). O concelho no total, terá cerca de 50.000 habitantes. O centro urbano é bastante moderno, pois a terra cresceu muito nos últimos 20 anos. Não há nela grandes monumentos, tirando uma Igreja muito "moderna" projectada pelo Sisa Vieira há cerca de 8-9 anos. Mas o Marco tem um ampla área rural, onde há muitas aldeias bonitas, cheias de igreja românicas dos séculos XI e XII, solares do periodo barroco, pontes antigas, etc. Alem disso, temos o rio Tâmega que atravessa o concelho.

Materialmente, as pessoas parecem viver bem. Não se vê a mendicidade, as casas degradadas, os drogados-arrumadores-de-automóveis que se vê no Porto com tanta frequência. Obviamente, a vida aqui é muito mais "parada" em relação ao que eu estava habituado. Mas não me queixo: trabalho das 9 da manhã às 5.30 da tarde, o que me deixa muito tempo livre, que tenho aproveitado para acabar de tirar a carta, ler (muitíssimo), ouvir musica, ... e penso comprar um a televisão, lá para o próximo mês.

Estou a viver em casa de uns senhores de meia idade, muito simpáticos e corteses, cuja filha trabalha também na Câmara e é secretária de um vereador. È uma pequena moradia, tipo de emigrantes (mas bonita), eles moram por cima e eu no rés do chão. Como fica numa zona pacata, é muito sossegada á

noite, posso até ouvir o canto das cigarras e o uivar dos cães, em certos dias. De manhã quase que acordo com o cantar dos galos.

Aos fins de semana costumo ir ao Porto, pois é lá que tenho os meus amigos e amigas e não quero perder o contacto com eles. **Os meus pais** lá continuam, e parece que a minha mudança de situação não trouxe muitas modificações. O meu pai continua a beber, embora disfarce quando eu vou a casa, é muito “azedo”, sempre a queixar-se da vida e da minha mãe, “que lhe arruinou a vida”, ... A minha mãe também continua a ter a mesma vida do costume, não faz nada em casa, chateia o meu pai, faz as infantilidades dela, julga-se muito útil e está a sempre a meter o bedelho minha vida e na do meu pai. Lá mais para diante, quando tiver automóvel, optarei por só ir a casa de vez em quando, pois aquele ambiente entristece-me e não é saudável.

São pessoas que falharam na vida, é triste dizê-lo. E que na volta complicaram a vida um ao outro, pois teria sido melhor que se tivessem divorciado (estiveram para fazê-lo em 1978). As vezes sinto se também não terei culpas nisto tudo: é que o meu pai achava que por haver um filho, o divórcio não deveria ir por diante, “pois um filho não deve perder os pai senão por morte”. Foi a educação burguesa e conservadora que eles os 2 tiveram que acabou por “soldá-los” para a vida fora. E viveram um triste Inferno. É tudo muito misterioso tudo isto. Será que o que eu sofri, foi para compensar eles terem que estar juntos por minha causa? Há uma causalidade oculta nos factos humanos? Há uma Providencia- Inteligencia superior ou tudo não passa de uma série fortuita e casual de absurdos, sem nexos entre eles? Aqui volta a pôr-se o meu **velho problema religioso** (chamemo-lhes assim...) que nunca me largará até ao fim dos meus dias.

Obviamente que apoiarei os meus pais sempre que eles precisarem, mas não posso deixar que destruam a minha vida. Já aturei aquilo anos demais, só lamento que este emprego não tenha aparecido mais cedo, pois foram muito desgastante todos estes anos em que vivi com eles, sempre a aturar barulhos, conflitos, bebedeiras - e tudo o mais que tu sabes: empregos precários e mal pagos, períodos de desemprego prolongado, constantes faltas de dinheiro...

A propósito disso, quero agradecer-te tudo o que fizeste por mim ao longo destes anos difíceis da minha vida. Foste o meu segundo pai. Não sei o que teriam sido estes anos sem a ajuda que me deste. Seria empregado de café ou a estaria a lavar pratos num restaurante? E não refiro apenas aos quadros que em enviaste (que evidentemente foram um ajuda preciosíssima), mas também á possibilidade que me concedeste de desabafar contigo os meus problemas e de ter conversas que ultrapassem o nível da banalidade. Porque o meu problema também era encontrar pessoas interessantes, com quem pudesse conversar. Felizmente consegui fazer 4 bons amigos no Porto, todos colegas de curso (um foi até meu professor). Os amigos verdadeiros contam-se mesmo pelos dedos a mão, já diziam os antigos. Mas o ano passado tive o desgosto de cortar relações com um amigo da infância, que me traiu de forma abjecta. Estamos sempre a aprender.

E por hoje já chega. Não quero escrever aquelas cartas tipo- testamento com que te maçava noutros tempos.

Esperando que esta carta te encontre nas melhores condições de corpo e mente, aqui se despede o teu afilhado sempre amigo e reconhecido,

João Fernando

Marco de Canaveses, 28 de Maio de 2007:

Artur:

Desculpa só agora te responder à tua carta, mas a verdade é que estive uns dias "de baixa" no Porto com uns problemas de saúde e só hoje é que regresssei ao Marco, tendo a agradável surpresa de ver a tua carta na minha mesa de trabalho.

Antes de mais o teu estado de saúde: faz-me lembrar o da minha avó, muita achacada no corpo (manca, surda, dando constantes quedas), mas com uma grande frescura intelectual e lucidez. Compreendo a tua revolta perante as "falhas" ou traições do teu corpo (também já tens 86 anos...), mas a nossa condição de humanos é assim, cheia de percalços, de acidentes, de imprevistos. Como me disseste numa carta anterior, sempre tiveste boa saúde e agora com a idade vêm os problemas todos "por atacado". É duro, mas sei que és uma pessoa forte para aguentar.

Em relação à vista (cataratas) é que fiquei surpreendido, pensei que a operação te tinha dado algum alívio. Dizes que já não podes conduzir, mas ainda bem que podes pintar e desenhar, continuando a fazer aquilo que mais prazer te dá na vida e que te granjeou o reconhecimento que hoje merecidamente tens junto de um vasto público. Desejo-te obviamente as melhoras (na medida do possível).

Quanto ao meu trabalho, não posso dizer que corra o melhor possível, pois apesar de ter mudado a "gerência" da Câmara, *sinto que sou marginalizado pela actual equipa dirigente, talvez devido à acção dalgum colega meu que tenha estado envolvido no "saneamento" de há dois anos.*

Colaboro nas actividades culturais, pois este Presidente apoia muito a cultura (exposições, concertos, ciclo de teatro, etc.), tentando cumprir o melhor possível os meus deveres de funcionário, mas não te vou esconder que o meu desejo é conseguir transferência para outro sítio, assim que possa. Ainda assim, reconheço que o Dr. Manuel Moreira (o actual presidente) é um homem culto e evoluído, que nada tem a ver com o troglodita do Ferreira Torres, e que agora já se respira no Marco um clima de normalidade democrática. Vamos ver até quando...

Quanto aos pintores que expõem aqui no Museu (que fica ao lado da Biblioteca) são na sua maioria autores locais, pintores “de fim-de-semana” sem projecção para lá dos concelhos limítrofes. Exposições de qualidade só aqui ao lado em Amarante ou no Porto (como em Serralves). Fizemos uma pequena feira do livro em Abril, com sucesso. E temos muitos jovens que vêm à Biblioteca e ao Museu, embora muitas vezes mais para passar o tempo e navegarem nos computadores (na Internet). Enfim: começamos a dar os primeiros passos na Cultura.

Quanto aos meus pais, o estado de saúde está mais ou menos bem, mas continuam a darem-se muito mal um com o outro. O meu pai anda muito cansado, já não tem a pedalada que tinha dantes, e o estado de saúde da minha avó está a consumi-lo muito, dado que quase todo o trabalho recai sobre ele. Gosto muito deles, são além de ti as pessoas que mais considero neste mundo e aflige-me a velhice que estão a ter. A vida é feita de muitos engulhos. Porque é que certas pessoas sofrem tanto e têm vidas tão infelizes?

Para terminar:

Quando me escreveres, gostava que me enviasses as cartas para o meu endereço no Porto (para a casa dos meus pais) que é :

**RUA GOMES LEAL, 77, 2º ANDAR,
4300- 244 PORTO**

pois vou lá todos os fins-de-semana e é mais seguro. Também gostaria de ter os volumes 1 e 2 da tua obra poética autografados, caso não seja pedir demais. E agradeço-te o envio do material que me enviaste na tua última carta sobre as tuas exposições.

Um abraço do teu afilhado sempre amigo e reconhecido,

João Fernando

Marco de Canaveses, 25 de Setembro de 2008

Artur:

Antes de mais, peço-te desculpa pela demora em atender à tua carta, mas a estive 4 ^{semanas} de férias no Porto e só a semana passada vi a tua carta na minha secretária.

Férias, é uma maneira de dizer: ^{ou} ~~formo~~ umas semanas longe do meu trabalho, mas nem por isso livre de trabalhos. Tive oportunidade de ver ao vivo como está má a situação entre os meus pais, bem como a progressiva perda de capacidades do meu pai, que é a trave daquela casa.

Preocupado com o futuro deles (e também com o meu), dediquei parte das férias a visitar Lares da terceira idade, fui à Junta de Freguesia saber se havia possibilidade de eles receberem apoio, inquiri sobre preços de empregadas domésticas junto de instituições de confiança.

O resultado das minhas diligências deixou-me muito apreensivo.

Basicamente o que apurei foi o seguinte:

- Quanto à hipótese de eles os dois irem para um Lar, está posta de lado: o meu pai tem rendimentos para tal, mas a minha mãe (que tem uma reforma de cerca de 200 euros = 40 contos em moeda antiga) não tem dinheiro para a mensalidade, mesmo no lar dos CTT,
- A Junta de Freguesia só fornece apoio a um máximo de 40 idosos (numa Freguesia de 20.000 habitantes...), e mesmo esses, têm de que ter rendimentos muito baixos, (serem mesmo "miseráveis", para falar à portuguesa),

- Como funcionário público tenho apenas direito a 40 dias por ano para "auxílio a familiares doentes", ou seja: 3 dias por mês, o que é manifestamente insuficiente no caso delas precisarem de ajuda mesmo "a sério".

- A única hipótese exequível no caso do meu pai não se sentir com forças para fazer a lide da casa (ou tiver algum problema de saúde grave), **será contratar uma empregada doméstica**, e aí teremos que considerar dois factores:

- 1) o preço cobrado á hora;
- 2) se é pessoa de confiança (o que é muito importante hoje em dia, dado o problema dos roubos, sobretudo a idosos).

Tudo isto traz-me obviamente muito preocupado, pois apesar do mau ambiente que sempre reinou lá em casa (e que se agravou com o tempo e com o envelhecimento), eles são os meus PAIS.

Não tenho outros, são os meus maiores amigos (alem de ti), queria muito que eles tivessem um fim de vida condigno e tranquilo, já bastou não terem sido felizes na vida, nem no casamento nem na profissão e não terem viajado quase nada (o meu pai ainda fez uma viagem pela Europa aos 27 anos, quando foi sócio de uma empresa que acabou por falir...).

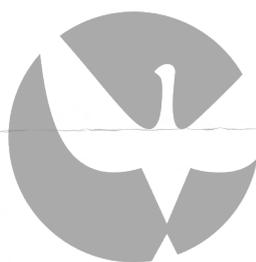
Quanto a mim, cá continuo nesta parvónia. Tenho apresentado alguns projectos de dinamização cultural, mas tenho consciência que estou na "lista negra", o meu colega fez-me a cama aqui na Câmara. Só penso em ver-me livre desta terreola, já tentei a transferência, mas ate agora não consegui nada. Mas queria sair daqui até Outubro de 2009, que é a data das próximas Eleições municipais. Tenho 38 anos, ainda tenho muito para dar. Se aqui não me dão valor, noutro lado darão.

01.117.05

Conto ir aí a Lisboa antes do fim deste ano, lá para fins de Novembro, inícios de Dezembro.

O teu afilhado sempre amigo e reconhecido,

João Fernando



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Marco de Canaveses, 15 de Outubro de 2008

Artur:

Antes de mais, espero que esta carta te encontre nas melhores condições possíveis de saúde e de bom estado de espírito. E aproveito para te desejar os pêsames pela morte do Eduardo Tomé.

Esta carta é em grande parte a reprodução de uma que te escrevi a 28 de Setembro, quando vim de Férias, e que pelos vistos, extraviou-se.

Férias, é uma maneira de dizer: foram umas semanas longe do meu trabalho, mas nem por isso livre de trabalhos. Tive oportunidade de ver ao vivo como está má a situação entre os meus pais, bem como a progressiva perda de capacidades do meu pai, que é a trave daquela casa.

Preocupado com o futuro deles (e também com o meu), dediquei parte das férias a visitar Lares da terceira idade, fui à Junta de Freguesia saber se havia possibilidade de eles receberem apoio, inquiri sobre preços de empregadas domesticas junto de instituições de confiança.

O resultado das minhas diligências deixou-me muito apreensivo.

Basicamente o que apurei foi o seguinte:

- Quanto à hipótese de eles os dois irem para um Lar, está posta de lado: o meu pai tem rendimentos para tal, mas a minha mãe (que tem uma reforma de cerca de 200 euros = 40 contos em moeda antiga) não tem dinheiro para a mensalidade, mesmo no lar dos CTT,
- A Junta de Freguesia só fornece apoio a um máximo de 40 idosos (numa Freguesia de 20.000 habitantes...), e mesmo esses, têm de que ter

rendimentos muitos baixos, (serem mesmo “miseráveis”, para falar à portuguesa),

- Como funcionário público tenho apenas direito a 40 dias por ano para “auxílio a familiares doentes”, ou seja: 3 dias por mês, o que é manifestamente insuficiente no caso delas precisarem de ajuda mesmo “a sério”.

- A única hipótese exequível no caso do meu pai não se sentir com forças para fazer a lide da casa (ou tiver algum problema de saúde grave), **será contratar uma empregada doméstica**, e aí teremos que considerar dois factores:

1) o preço cobrado á hora;

2) se é pessoa de confiança (o que é muito importante hoje em dia, dado o problema dos roubos, sobretudo a idosos).

Tudo isto traz-me obviamente muito preocupado, pois apesar do mau ambiente que sempre reinou lá em casa (e que se agravou com o tempo e com o envelhecimento), eles são os meus PAIS.

Não tenho outros, são os meus maiores amigos (alem de ti), queria muito que eles tivessem um fim de vida condigno e tranquilo, já bastou não terem sido felizes na vida, nem no casamento nem na profissão e não terem viajado quase nada (o meu pai ainda fez uma viagem pela Europa aos 27 anos, quando foi sócio de uma empresa que acabou por falir...).

Quanto a mim, cá continuo nesta parvónia.

Tenho apresentado alguns projectos de dinamização cultural, mas tenho consciência que estou na “lista negra”, o meu colega fez-me a cama aqui na Câmara. Só penso em ver-me livre desta terreola, já tentei a transferência, mas ate agora não consegui nada. Mas queria sair daqui até Outubro de 2009, que é a data das próximas Eleições municipais. **Tenho 38 anos, ainda tenho muito para dar. Se aqui não me dão valor, noutro lado darão.**

01.11.06

Conto ir aí a Lisboa e visitar-te, antes do fim deste ano, lá para fins de Novembro, inícios de Dezembro, quando receber o subsidio de Natal.

O teu afilhado sempre amigo e reconhecido,

João Fernando

P:S: Manda as cartas e todo o material que me quiseres enviar para a casa dos meus pais:



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

JOÃO FERNANDO DUQUE

RUA GOMES LEAL, 77, 2º ANDAR

4300-244 PORTO

Marco de Canaveses, 23 de Fevereiro de 2010

Artur:

Espero que esta carta te encontre bem de saúde, tal^{como} te vi da última vez que estivemos juntos (na inauguração da tua exposição na Livraria Lello, no verão do ano passado). Também desejo que essa nova operação que fizeste aos olhos tenha, na medida do possível, ajudado a resolver o teu problema de visão.

No que respeita aos meus pais está "tudo como dantes no quartel de Abrantes": a minha mãe tem ido para o Centro de Dia da Junta de Freguesia de segunda a sexta feira, o que evita conflitos e zaragatas com o meu pai. Este, por sua vez é que tem andado enrascado com a saúde: vai ser operado á próstata ainda este ano e tem um problema de circulação numa perna, o que o faz andar quase como um manco. O que me aflige no caso deles é o facto de estarem os dois muito "acabados" (e mesmo degradados) para idade que têm: 74 anos. Mas também é preciso ver que a vida deles não foi fácil e que a velhice muitas vezes, é o revelar do percurso vital.

Aqui no Marco, as coisas vão indo um pouco melhor: passou a ameaça do regresso do Ferreira Torres, o concelho é agora uma terra normal, já não ^{se} apreça nos noticiários pelas más razões. Somos uma terra vulgar, "normal", para o bem e para o mal.

A nível cultural, temos desde há quatro anos (data em que este novo Presidente tomou o poder) um certo dinamismo, - embora muito modesto, se compararmos com Amarante e Penafiel, concelhos nossos vizinhos:

- Temos regularmente exposições no Museu Municipal, mas são quase todos pintores amadores, salvo excepções,
- A Orquestra do Norte (sediada em Amarante) tem feito cá alguns concertos, ao ar livre, na primavera;
- A Câmara tem promovido alguns ciclos de Teatro, inclusive nas aldeias.
- Criou-se ^{no} ano passado um premio de Pintura ~~antiga~~, no valor de 2500 euros (500 contos /moeda antiga), a nível nacional.

Não se pode dizer que seja algo de excepcional e que coloque o Marco de Canaveses no mapa da Cultura em Portugal, mas é preciso ver que durante décadas este concelho foi um deserto em termos culturais, e que para além da falta de sensibilidade do anterior Executivo para estes assuntos, aqui nunca nasceu nenhum escritor, poeta, ou pintor de prestígio – a Cármen Miranda é um grande “totem” a que se agarram por aqui, mas a única coisa que ela fez foi ter nascido cá, pois ainda com 10 meses, o pai levou-a para o Brasil e nunca mais cá voltou.

Quanto a mim, há dois anos que trato da Feira do Livro, nomeadamente da parte “cultural”: Encontros com Escritores, etc. A feira realiza-se de 25 de Abril a 2 de Maio, é na Alameda em frente á Biblioteca e ao Museu e atrai muita gente, sobretudo jovens: à noite tempos sempre o cuidado de proporcionar um espectáculo no palco improvisado: folclore, teatro, tunas universitárias, etc. Além disso, sugiro a compra de livros, e procedo à sua Catalogação. Também tenho promovido sessões de formação para professores encarregados das Bibliotecas escolares.

Conto ainda este ano editar o tal livro sobre o Serviço Nacional de Saúde, pois tenho alguns conhecidos influentes que se mostraram interessados na ideia. Pode ser que, a concretizar-se o projecto, se me abram algumas portas, que até agora se mostraram fechadas. Dizem que a Vida é um Jogo, mas só ganha (ou perde) quem desce ao terreno, à luta, à arena.

O teu afilhado sempre amigo e reconhecido,

João Fernando Pereira

P.S. Peço-te desculpa de não ter ido aí a Lisboa em Dezembro, conforme tinha dito, mas estou com problemas vários, porque as Finanças reclamaram parte daqueles retroactivos que recebi há 3 anos, quando ganhei o processo contra a Câmara.

Quando as coisas melhorarem, irei aí visitar-te. E também rever Lisboa, cidade solar que sempre me fascinou, a mim, que sou um depressivo (quase) crónico

Recebi a tua carta e agradeço as notícias do momento
todo quotidiano. hastenar como recepo o estado de saúde
dos teus pais e um o mínimo esforço de imaginação. Não há nada
a fazer. Para mim a Família tem sido desastrosa; e de momento
deve sempre outras pessoas impediadas a substituírem.
É um prazer abraçar-te estes trabalhos e com prof.
cto e realizações. A Carmen Miranda merece um monumento e eu
me a minha admiração por estas figuras vinda do nada como a tomali
a Beatriz e a ... e que se impõem como exemplo - principalmente
porque com esta maneira individual.

Lisboa - 966 461721 - a sua expo? - a Maria Helena?
postal do Peru - 218140533

É uma notícia muito satisfatória a de que ... ~~por agora~~ não pare-
ce ter hipótese de voltar.
Lembra-te o catálogo da expo organizada pelo Jaqueiro da Noronha
DE EVORA

Marco de Canaveses, 28 de Maio de 2010

Artur:

Compreendo perfeitamente as tuas razões e peço-te desculpa se te incomodei com a exposição da minha situação.

Tens todo o direito de ter um fim de vida tranquilo, sossegado e sem que a família (ou outros) te importunem com pedidos ou solicitações.

No fundo, eu não me posso queixar: tenho 39 anos (faço 40 este ano, em 23 de Agosto), **tenho um emprego**, o que hoje em dia é um tesouro valioso, e já não me podem mandar embora, pois sou funcionário do quadro, tenho feito serviço, e estou sindicalizado. Tudo isto, apesar de o Marco de Canaveses ser uma terreola de província e de eu estar sub-aproveitado mesmo por aqui.

É óbvio que esta "cilada" que me montaram (a Câmara? as Finanças?) é uma situação muito desagradável, e para mais depois de tudo o que eu já passei nos anos anteriores; mas tenho de pensar que o pouco de "sorte" que tive na vida veio sempre acrescido de muitos "juros" - juros de agiota mesmo. Os meus pais também nunca tiveram sorte na vida, o casamento deles foi um erro, e eu sou o produto desse erro. Como poderia eu, com este "background", e sendo um depressivo crónico, ir muito longe na vida e ser um "vencedor", como se diz?

O forte abraço do teu afilhado sempre amigo e reconhecido,

João Fernando

P.S.: Conto ir a Lisboa visitar-te, lá para finais de Junho (quando tiver férias). Na altura, telefonar-te-ei.

Luís de Almeida

Recebi a tua carta, que não é um muito feliz começo de ano. Vamos lá vêr se consigo não ser muito extenso na resposta:

1º- Deves estar consciante de que fazes mau negócio vendendo agora as obras minhas que possúas. Tenho 71 anos, e espero que a morte se lembre de mim proxicamente, o que valorisará por certo esses trabalhos que te ofereci. Além disto há neste momento uma certa recessão como é natural, depois de uma talvez exagerada euforia de mercado.

2º- Magea-me por mim e por ti, que digas que és "profano". Isso é o que não deve dizer ninguém que queira soltar-se de uma infeliz mediania. Todas as pessoas que são alguém no mundo se interessam por pintura, fazem colecções, e até museus. Na América, uma grande parte dos fabulosos museus que existem foram feitos por colonos, que começaram do nada. Olha que são os médicos, os advogados, os engenheiros etc etc, e até os políticos, que não só compram pintura, como ainda tem tempo para a discutir apaixonadamente. Um curso técnico nada tem a vêr apenas com a técnica, a não ser para os mais mediocres.

De certa maneira sendo eu teu primo e padrinho, me sinto ofendido pelo desinteresse ou desconhecimento pela "arte". Que sabes tu do lugar que realmente ocupa na cultura deste país? Por hipotese, suponhamos que por minha morte eu legaria a minha obra á tua pessoa. Que fazias? Deixavas-te passivamente "burlar" ou "roubar" por uns e por outros? E porquê? Porque tens falta de confiança na tua inteligencia ou sensibilidade? Ou porque tens falta de confiança na minha obra?

Infelizmente o nosso país vive o mais afastado da cultura, mas há gente, (e gente nova como tu,) interessada nêssa problemática. Aí no Porto ha inúmeras exposições e isso apaixona muita gente -- infelizmente não tanta como em Espanha, onde é comente vêr o número de visitantes de exposições e de musaus.

Julgo que a minha idade e experiencia da vida (difícil,) me permite falar contigo assim, sinceramente. Aqui é vasto e tristíssimo o contributo das famílias para a negação da cultura, justamente sacrificando os seus próprios familiares. Vi a família de Amadeu de Souza-Cardoso, ainda nos anos 60, que se ria da sua obra! E vi também, em registo não já ridículo mas trágico, a própria mãe do António Maria Lisboa rasgar uma parte dos seus inéditos. Etc etc etc. Mas ésta conversa difficilmente cabe numa carta. O que te quero ainda dizer é que, evidentemente que estou á tua disposição para te guiar nêssa transacção, mas não tendo presentes as obras é difficil aconselhar-te quanto a preço, ou procurar comprador. Se quizeres eu trato da venda aqui, mas julgo escusado, por dispendioso em tempo e dinheiro, vires a Lisboa. Se meteres as pinturas num saco de plastico, depois dentro de um

quando da sua morte.

cartão de embalagem, que podes arranjar dando uma volta nocturna pela cidade, no li-
xo, pois eu já o tenho feito. Depois compras 2 metros de papel enlaidado, ~~um~~ uma fo-
lha de papel de embrulho, e ainda um rolo de fita gomada da mais larga. Interiorm
te pões a fita gomada, e só por fora pões a corda, conseguindo um atado que podes de
pachar pelo correio, evidentemente com todos os registos possíveis. Desta maneira
tenho recebido e enviado muita pintura.

Aqui tens o que me ocorre acerca desta tua carta. Renovo os meus votos
para os teus pais e para ti, neste 1992.

Para os três o abraço amigo do primo e padrinho,

12-1-92



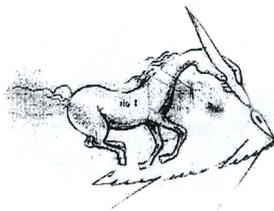
UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

*acabii por lhe comprar 2 "pinturinhas"
por 370.000.00*



João Fernando

Recebi e duplicado da tua carta e se queres resposta mais explicita terás que ser mais explicito, mas desde já te digo que não sou milionário como supões. Para o ser faltou-me ventade, e a minha situação moral escolheu este caminho. Se sonhei com MAIS dinheiro, foi no sentido de fazer uma colecção de pintura mais rica do que a que forma hoje o núcleo principal da Fundação de Famalicão. O ideal seria enriquecer o triste Museu de Arte Moderna que temos. Aqui há muitos anos julgava eu que te poderia ajudar enviando-te desenhos/pintura originais, da minha autoria, que aqui eram facilmente comercializáveis. Estranhamente me declaraste que não conseguias vender nada, quando é com o dinheiro que faço com essas vendas, que tenho tido dinheiro para satisfazer as tuas solicitações. Por certo também não tenho eu a bondade extrema que teve o Tio Alfredo, mantendo durante anos 3 irmãos... pobre dele, que tão pouco é recordado... A verdade é que infelizmente há muitos chefes de família que se governam com o teu ordenado mensal. E eu, sem ter passado por Universidades vivi durante muitos anos com ordenados inferiores ao teu. Recorde hoje com saudade esse tempo! Claro que é difícil prender a atenção dos outros quando não se faz nada apaixonadamente. Nunca recebi de ti um projecto, uma expo organizada, um livro uma qualquer realização. Quando fugi da guerra colonial tinha passado 14 anos em África, e não tinha dinheiro para as passagens? Tive que vender a colecção etnográfica que tinha feito sozinho, por aquele território imenso, sem estradas, e com chuvas arrasadoras. Aqui de novo, na grande Europa, consegui um emprego de "manga de alpaca" numa Galeria de arte que acabava de abrir, dirigida pelo José Augusto França. Daí a algum tempo estava a levar para lá gente como o Jorge Barradas, o Areal, o Cesariny, a Paula Rego, o Raul Perez, o Júlio, e Marie Betas, o Carlos Calvet, o Henry Michaud etc etc. Tinha principalmente a satisfação intelectual e humana! Os teus pais escolheram aquele caminho, é o teatro que amam, com escândalo na vizinhança, com tristes bebedeiras. Lembro-me de Cesariny dizer numa carta à Vieira da Silva, depois de ter saído da prisão de Fresnes, o seguinte; "É o terror que por um lado avesse, tanto se parece á alegria da criação." Tudo se passa de tal maneira que nem a tua avó vos escuta... Enfim, assim que me for possível (sinto-me muito velho e exausto) falarei no vosso caso aos nossos primos e primas. O meu testamento, repito, não é de milionário, ~~mas~~ mas por minha morte receberás uma pequena quantia. Eu nunca recebi NADA de ninguém. É a desenhar e pintar que ganho o dinheiro que ganho, mas a vista chegou a um extremo verdadeiramente assustador.



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA



aprendi

Com a vida que tenho tido que os laços de sangue não são os mais fortes. Outros Amigos, muito queridos, merecem toda a minha gratidão. Os meus pais não me deixaram um tostão, e estou-lhes infinitamente agradecido. Entre as coisas mais belas que me aconteceram na vida está a homossexualidade, que durante anos mereceu o notório desprezo da família.

Lastimo que não tivesses tido uma única palavra de referência à exposição de Amaranthe. Não gostas de pintura, ou não gostas da que faço? A pintura hoje já não é pintura, mas sim poesia, escrita, misterioso misterio, imaginação, voz da liberdade, coisas que podem ligar-se à filosofia, ao Freud etc etc etc. O Surrealismo vem dos anos 20, mas nele, de certa forma podemos encontrar o Gomes Leal, quando diz (cito de cor) "Bela dizia eu como um navio a vela/para um país polar/por um silêncio amigo/bela como uma estatua e gelida como ele/bela dizia eu como um sepulcro antigo/bela dizia eu agil como um jaguar/assim me inspire o Fado e Satanás me deixe !/bela dizia eu fria como o luar/sobre o dorso luzente e excepcional de um peixe."

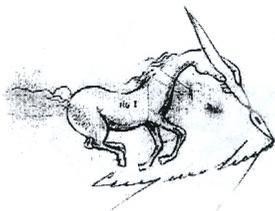
É falando que a gente se entende diz-se. Não sei escrever de outra maneira, ou não responderas *as cartas que te envio.*

O abraço e os melhores votos para os teus pais e para ti de

UNIVERSIDADE
DE ÉVORA

Artur

18 Outubro 2008



UNIVERSIDADE
DE ÉVORA